HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA PARANAENSE: UM BALANÇO DA PRODUÇÃO ARQUEOLÓGICA NO PARANÁ NO PERÍODO DE 1876-2001¹

*Josilene Aparecida de Oliveira*²

A constatação de que as pesquisas arqueológicas são influenciadas pelos recursos que se destinam a elas, pelo contexto institucional no qual se inserem e pelo tipo de investigação que as sociedades e os governos estão dispostos a apoiar e realizar foi o ponto de partida para realização dessa dissertação, que faz uma análise do processo de produção do conhecimento arqueológico, com a finalidade de sistematizar e atualizar as informações sobre a pré-história das populações indígenas e contribuir para preservação do patrimônio arqueológico do Paraná.

Para realização da pesquisa seguimos a proposta metodológica de Bruce Trigger, de revisar o pensamento arqueológico de uma perspectiva histórica. Como sugerido por Ciro Flamarion Cardoso, tivemos em vista que um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente.

Para sistematização das informações sobre os sítios arqueológicos, elaboramos um banco de dados, com base em: 1) publicações; 2) relatórios de pesquisa; 3) cadastro nacional de sítios arqueológicos.

No primeiro capítulo procuramos analisar os trabalhos de história da Arqueologia, buscando demonstrar os diferentes enfoques dados pelos autores, ao examinarem as relações entre a arqueologia e o contexto social. No segundo capítulo, fizemos o histórico das instituições e dos pesquisadores ligados à pesquisa arqueológica no Paraná, procurando demonstrar os vários contextos de produção do conhecimento arqueológico e a produção científica dos pesquisadores. No terceiro capítulo, fizemos um balanço da pesquisa realizada nos sítios de populações indígenas no Paraná, enfocando as teorias e metodologias utilizadas na pesquisa, bem como os resultados obtidos.

Com isso nos foi possível perceber que a Arqueologia brasileira tem

---

¹ Esta dissertação é resultado das pesquisas que desenvolvi junto ao Programa Interdisciplinar de Estudos de Populações – Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etnohistória da Universidade Estadual de Maringá (Tulha), sob a orientação do Prof. Dr. Lucio Tadeu Mota e co-orientação do Prof. Francisco Silva Noelli.

² Mestre em História Social e Pesquisadora do LAEE/UEM.

sido objeto de acirradas discussões entre os pesquisadores de diferentes filiações teórico-metodológicas, revelando um intenso debate dentro da história da Arqueologia.

No Paraná este debate acontece entre dois grupos. De um lado estão os histórico-culturalistas, que procuram compreender os fenômenos culturais a partir de conceitos totalizantes (Tradição e Fase), independentes de contextos; e do outro, os processualistas, que entendem que o objetivo da pesquisa deve ser a busca da compreensão da diversidade humana e da particularidade dos fenômenos e contextos socioculturais.

No período de 1876 a 2001 cinco instituições estiveram ligadas a pesquisas arqueológicas no Estado: o Museu Paranaense, o Instituto de Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná, o Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas da Universidade Federal do Paraná, o Museu de Arqueologia e Artes Populares de Paranaguá e o Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da Universidade Estadual de Maringá.

À frente das pesquisas arqueológicas realizadas por estas instituições estiveram no início pesquisadores amadores, como o desembargador Agostinho Ermelino de Leão, os historiadores Ermelino Agostinho de Leão, Alfredo Romário Martins e o médico José Loureiro Fernandes. Os primeiros arqueólogos locais a atuarem no Estado foram Igor Chmyz e Oldemar Blasi. Na década de 1980, a Arqueologia paranaense passa a contar com Claudia Inês Parellada e em meados da década de 1990 com Francisco Silva Noelli.

As primeiras pesquisas foram realizadas de modo isolado, por amadores, em sítios específicos, e não tinham o objetivo de formalizar uma abordagem com *status* científico, a partir de problemas de pesquisas. Predominam pesquisas com fins colecionistas, encomendadas por museus e instituições nascidas na década de 1870.

O fim do período de atuação de amadores é marcado pela fundação do Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas na Universidade do Paraná, em 1956, que promoveu a vinda de Annette Laming e José Emperaire e dos pesquisadores americanos Betty Meggers e Clifford Evans, em 1964, para ministrarem cursos sobre métodos de campo e laboratório, os quais resultaram na implantação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa).

Esse programa teve como objetivo estabelecer um esquema cronológico do desenvolvimento cultural no país. Para garantir o cumprimento desse objetivo, foram definidos padrões para a pesquisa arqueológica brasileira, publicados em 1965 no Guia para prospecção arqueológica no Brasil.

A metodologia estabelecida neste manual elegeu a prospecção como estratégia para trabalho de campo. Já as expectativas de um registro arqueológico pobre levavam os autores a crer que escavações intensivas não

seriam compensatórias.

Com o objetivo de estabelecer padrões cronológicos a partir de seriações, durante o Pronapa foram realizados trabalhos de campo voltados à coleta de amostras regionais. As seqüências seriadas semelhantes para uma mesma região seriam reunidas em fases, que por sua vez formariam as tradições.

Com esta forma de abordagem os pesquisadores deveriam localizar o maior número de sítios possível, dentro de uma área selecionada, já que o ritmo do trabalho estava condicionado a termos financeiros, que previam o fim do Programa para 1970.

Os relatórios de pesquisas arqueológicas desenvolvidas durante o Pronapa apresentaram um quadro de resultados que demonstra claramente o emprego do modelo teórico histórico-culturalista, desenvolvido a partir de uma metodologia essencialmente descritiva, com ênfase na análise do artefato, separadamente do contexto de produção.

Esta etapa iniciou em 1965 e se mantém até o presente, com a utilização da metodologia pronapiana por alguns pesquisadores que insistem em separar a Arqueologia das demais ciências, ignorando tudo o que foi produzido fora do contexto teórico do Programa.

Com isso podemos perceber uma grande quantidade de sítios arqueológicos mapeados e prospectados no Paraná, resultando em uma coleção arqueológica imensa, composta em sua maior parte por fragmentos cerâmicos e materiais líticos, retirados do seu contexto original de forma superficial.

O Paraná foi representado no Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas pelos pesquisadores Igor Chmyz, que mapeou e realizou pesquisas em sítios por todo o estado, e José Wilson Rauth, que concentrou suas pesquisas nos sambaquis do litoral paranaense.

Em 1994, um grupo de pesquisadores com formação processualista começam a testar e criticar os pressupostos e resultados obtidos pelos pesquisadores do Pronapa. Deslocaram a ênfase das análises descritivas dos artefatos para a busca dos significados e contextos onde apareçam as populações que deixaram os registros arqueológicos, tendendo a desembaraçar-se da coleção, da procura incerta de objetos isolados, para dedicar-se à pesquisa sistematizada do contexto de produção. No Paraná as pesquisas sob a vertente processualista estão numa fase preliminar de estudo dos resultados obtidos pelas pesquisas anteriores.

O balanço histórico das pesquisas no período de 1876 a 2001 nos revelou que a maior contribuição da Arqueologia feita no Paraná para a pré-história das populações indígenas é a localização de 1973 sítios arqueológicos e a identificação dos marcadores cerâmicos e líticos, fato que deixa um legado

promissor para o futuro das pesquisas.

O maior problema é a preservação das categorias criadas no Pronapa, totalmente dissociadas da história e da Antropologia, e a sua incorporação aos projetos de salvamento, que apresentam problemas quanto à definição da área de pesquisa, à imposição do desenvolvimento da pesquisa arqueológica dentro do cronograma do empreendimento e à dificuldade de retorno à área de pesquisa, ou mesmo à total impossibilidade, no caso de empreendimentos como hidrelétricas.

A metodologia pronapiana foi adaptada para as necessidades dos projetos de salvamento. Nesse panorama a Arqueologia paranaense desenvolve suas pesquisas em função de dois conceitos básicos: tradição e fase.

Consideramos que os conceitos de tradição e fase serviram ao exercício interpretativo do Pronapa, mas entendemos que eles não servem para explicar a cultura material das populações indígenas, com as seguintes justificativas:

- ausência de diferenças notáveis dentro das tradições;
- inexistência de contextos arqueológicos identificados das populações, enquadrados em uma seqüência que determine a especificidade dos processos históricos locais e regionais;
- inexistência de uma pesquisa detalhada sobre os registros arqueológicos das populações indígenas, relativos aos últimos 300 anos, para definir aspectos materiais dos seus contextos arqueológicos que possam ser comparados aos sítios pré-históricos.

Felizmente é possível suplantar a perspectiva do Pronapa, construindo-se uma nova interpretação, fortemente inspirada e orientada pelas evidências etnográficas e pela orientação dentro da perspectiva da analogia direta e da continuidade histórica.

Entendemos que este trabalho é um primeiro passo para a sistematização das informações sobre o contexto de pesquisa arqueológica no Paraná, e que ele poderá vir a ser utilizado na elaboração futura de projetos de pesquisa arqueológica, já que oferece um detalhamento da situação da pesquisa dos sítios arqueológicos.